

Universidade Federal da Bahia
FACED - Faculdade de Educação
Disciplina: Educação, Conhecimento e Imaginário

(n)mitos:
reiteraões (in)adequadas

Trabalho a ser apresentado aos professores
Felipe Serpa e Maria Inez, regentes da
disciplina Educação, Conhecimento e Imaginário

Luciene Bulhões Mattos
2002

(n)mitos: reiteraões (in)adequadas

Quem viaja sem saber o que esperar da cidade que encontrará ao final do caminho, pergunta-se como será o palácio real, a caserna, o moinho, o teatro, o basar.

Ítalo Calvino

Uma configuração básica quando se deseja uma cidade simbolizada em função desse desejo. A cidade é uma totalidade que abriga suas tantas outras totalidades. Diante dela nosso olhar é curioso, detalhado, minucioso para coisas sólidas, palpáveis, tangíveis. Longe dela, ativamos nossa imaginação fértil, sedenta de desejo. Idealizamos tudo.

O desconhecido, naquele instante, é o nosso ideal imaginado. Então, viajamos imaginariamente em nossos sonhos. Estabelecemos conexões, arranjos, combinações. Quase tudo perfeito, até os nossos pesadelos porque eles surgem vorazmente em consequência de nossos medos, nossas apreensões, nossos próprios sonhos, frutos dos nossos desejos não realizados e, cada vez mais, imprevisíveis. Enfim, simbolizamos nossas configurações desejadas tanto no espaço quanto no tempo.

Quando estamos diante de algo que não conhecemos, diante de um outro que nunca vimos por meio de nossa imaginação sufocamos nossa mente de imagens imaginárias, nem sempre amigáveis, aquelas que não são diretamente visualizadas em nossa realidade, mas armazenadas em nosso subconsciente. Esses são os nossos símbolos desmaterializados.

Mas, precisamos defecar esse contingente. Precisamos da substância. Nossa mente é transformada numa fábrica de imagens, num aparelho digestivo que precisa se realimentar a cada instante e nossas atitudes são o reflexo desse emaranhado, transformadas em nossas ações. Já, diante de um símbolo materializado, cristalizado, diante de nossa realidade dramática reconhecemos nossos desejos, sofremos com nossas frustrações e, pior ainda, desejamos nossos novos desejos já simbolizados. Como o ser humano é redundante! Contudo, Calvino deduz:

"...Assim - dizem alguns - confirma-se a hipótese de que cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras, sem forma, preenchida pelas cidades particulares." (1990, p. 34)

Zoé é diferente, é outra uma cidade desejada. Não daquele desejo fútil, carregado de vaidade. Zoé é uma outra cidade. Uma cidade tranqüila, a cidade da paz, a cidade dos sonhos puros. Tetos que abrigam tanto os leprosos quanto as prostitutas. Surge uma nova configuração.

SERPA diz que numa configuração espacial, cada ponto reproduz o todo. Existe uma espécie de reaplicação de um todo que volta a ser parte que volta a ser todo e assim sucessivamente. Esse todo demonstra uma complexidade e, ao mesmo tempo, ele passa a

ser cada ponto, uma singularidade. Isso revela um processo de reiteração, uma reiteração dinâmica, criativa, infinita e, muitas vezes, conflituosa. Sempre acontecerá uma reaplicação dessa dinâmica. Contudo, Calvino pergunta:

Qual a linha que separa a parte de dentro da de fora, o estampido das rodas do uivo dos lobos? (1990, p. 35)

As imagens do caos são reconhecidas por ter uma característica básica, a repetição. Também chamaremos de reiteração. Talvez o fator que provoca o caos não esteja no espaço, pois este é centrado na forma. Se for analisada a questão do tempo, será visto que tanto nas imagens imaginadas quanto nas imagens calculadas, ambas possuem diferentes tipos de comportamento apesar de sua semelhança (diferente de igualdade) durante o processo de reiteração. As imagens imaginadas são, por demais, particulares, únicas. Já as imagens calculadas são imagens pré-determinadas.

Segundo SERPA, " O caótico e o iterativo estão presentes na Natureza e permeiam o que chamamos de complexidade." Portanto, a complexidade também é da natureza humana. Eis a questão quando relacionamos os símbolos, as imagens em relação à sociedade. Cada ponto ou cada sujeito pode funcionar individualmente, mas cada um deles está em lugar diferente, cada um simboliza diferente. Aqui, percebemos que as diferenças justificam as múltiplas possibilidades de pensar e agir. Não existe apenas uma ação, mas várias, várias ações.

Vejamos cada Escola e sua linha de pensamento em relação à Educação ou ao Ensino. Cada uma adota um sistema educativo e tenta determiná-lo como modelo. Se há um lugar para o saber, esse lugar é denominado Escola. Mas são vários, múltiplos lugares que deveriam ser iguais, assim como cada objeto do Caos. O tempo revela as diferenças porque os sujeitos, embora semelhantes possuem situações peculiares, viventes e, sobretudo, vividas. Não obstante, a dicotomia entre viva vivida e vida vivente também faz parte do contexto educativo. Apesar de semelhantes, os indivíduos têm experiências de vida diferentes

(in)mitos: qual a configuração perfeita?

"A linguagem é diferente, os símbolos são diferentes, mas,
na sua essência, as idéias são as mesmas"

Marcelo Gleiser

GLEISER afirma que tanto o que é mítico quanto o que é científico apoia-se em conjuntos simbólicos, em essência, permeando uma universalidade de pensamento, representando ou referenciando um mesmo objeto-questão, a origem de todas as coisas. Para ele, existe uma limitação imposta pela nossa percepção bipolar da realidade onde o processo ou entidade responsável pela criação tem que criar opostos. A solução, em várias culturas, é religiosa, onde seus membros elegem a existência de uma realidade absoluta ou de um Absoluto.

Este, por sua vez, não tem uma origem e incorpora em si a sínteses de todos os opostos. E acrescenta:

"A ponte que estabelece a relação entre o Absoluto e a realidade é o mito de criação"

Marcelo Gleiser

E é dessa forma que as religiões estabelecem a sua própria realidade. Sejam esse mitos onipresentes (presentes simultaneamente em todos os lugares), oniscientes (tem conhecimento de tudo) ou onipotentes (tem poder infinito) - o universo criado por um ser positivo - num determinado momento, sejam esses mitos manifestados por tensões dinâmicas entre opostos, simbolizando a natureza rítmica do tempo, efêmera da vida. São dois pontos de vista que oscilam entre Universo Finito e Universo Infinito.

GLEISER denomina os elementos dessa polaridade de mitos *com* criação e mitos *sem* criação. Um mito *com* criação é caracterizado pela presença do criador, o Ser Positivo. O universo aparece também a partir do Vazio absoluto, do Ser Negativo ou Não-Ser sem intervenções divinas ou poderá surgir mediante uma tensão entre a ordem e o Caos. O mito *sem* criação é aquele cujo universo é rítmico em que a existência tem o teor da eternidade. É dividido em dois grupos sendo que o primeiro estabelece que o Universo existe e existirá para toda a eternidade e o segundo o Universo é continuamente criado e destruído num ciclo repetido eternamente. Assim,

Calvino permite construir outras Zoés. Cada ponto que ele cita reproduz a cidade. É confuso, mas intrigante E justifica: " A metáfora que o autor inicia o texto é "Quem viaja sem saber..." Potanto nos sonhos existem as possibilidade de criar possibilidades. E acrescenta: "... o palácio real, a caserna, o moinho", cada ponto precipita uma nova Zoé. Há uma relação com o processo iterativo, mas é complexo. É como a complexidade do caos em que existe uma simplicidade da repetição. Desse ponto de vista é comum observar que dentro de cada Zoé existem outras Zoés. (SERPA,2002)

Mas, como encontrar (enxergar) o caos numa cidade onde as coisas estão separadas? Como encontrar o caos numa cidade onde as coisas existem de acordo a uma funcionalidade urbana, uma hierarquia urbana.

O que os viajantes encontram noutras cidades é um ponto ou cada uma delas pode ser raiz de outras Zoés. Mas vem a questão dos atratores. Eles funcionam como elementos decisivos. Assim como as paralelas encontram-se no infinito, há uma formação atrativa em torno do atrator. O palácio poderia ser o atrator.(SERPA, 2002)

È importante o reconhecimento da forma, diante da questão imagética. A forma pode interferir na memória do sujeito. A história de uma fazenda de café e seus espaços em formas geométricas pode ser exemplo. Essa formas podem relembrar fatos históricos, além de funcionar como registro de acontecimentos. Eis um elemento que possibilita fazer um pensar diversas relações.

Na repetição, um objeto geométrico com escala fracionária ($1/3=0,3333\dots$), um nº que inicia esse processo iterativo, gera uma complexidade. A partir dessa linha de pensamento podemos compará-lo ao processo de reiteração das ações humanas num sistema complexo. (SERPA, 2002)

Diante de toda repetição existem diversas conexões. Como estabelecer uma ligação entre essas conexões? O que faz existir essa semelhança além de sua forma? As formas são unidades. Elas são tangentes a outras formas. Imaginemos que existem passagens entre uma e outra e vice-versa. São essas passagens que denominaremos de pontes.

Pontes (in)versas

O que é uma Ponte? Para que ela serve? Para ir e vir. Para movimentar-se pelo pensamento. Essas são respostas clássicas. Através da Ponte ou dessa viagem dialética pelos pensamentos, uma narrativa também é envolvida pela afetividade. Na ciência, a narrativa tem valores que se sobressaem às mitologias devido aos seus artefatos. Gleiser demonstra isso ao classificar os mitos em mitos em criação e com criação, mas quando inicia seu texto Inventando Universos, ele simplesmente detalha as descobertas daquela ciência. O que nos impressiona naquele texto é o conjunto simbólico que ele demonstra seja na relatividade atribuída a Einstein, seja na queda livre, ou na existência de espaços curvos etc. Todos esses temas são ricos em detalhes. Então, imagetivamente, já classificamos a ciência como elemento superior e se não a classificamos, no mínimo imbuímos nossas mentes de referenciais a ela.

SERPA relembra uma posição de Nietzsche que revela a necessidade de nos afastarmos a certa distância para observar. Dessa forma compreendemos que não é possível explicar os mitos de forma científica, pois existem inúmeras contradições. Um historiador do presente encontra dificuldades quando ele mesmo está envolvido nesse presente. É preciso haver tolerância, uma vez que o jogo, quando jogado, mantém relação com o objeto existente. Então, acontecerá um desvio pelo outro, passando através dele, com ele. Há questões em relação ao estranhamento, ao distanciamento. Assim,

"Não há como expressar o que está imerso. "
Felipe Serpa

Tudo isso acontece numa relação entre História e Verdade. Não existe objetividade na história. Não existem olhares distintos. Por exemplo, tomar a revolução francesa como um fato, sua historiografia. Seria uma expressão da objetividade do processo histórico. Na História da Educação poder-se-ia enfatizar a importância de fatos como a Guerra do Paraguai. É preciso haver formas diferentes de representar a história. Resta sabermos onde estamos nessa trajetória. Onde está a nossa Zoé?

Próximo bloco: ***O meio é a massagem!***